

**EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE  
ESTUDANTES MARGINALIZADOS EM *ESCRITORES DA LIBERDADE***

**CONTEXTUALIZED EDUCATION AND SOCIAL REPRESENTATION ON  
MARGINALIZED STUDENTS IN *WRITERS OF LIBERTY***

**EDUCACIÓN CONTEXTUALIZADA Y REPRESENTACIÓN SOCIAL EN  
ESTUDIANTES MARGINADOS EN *ESCRITORES DE LIBERTAD***

*Lorena Santiago Simas*

lory-santiago@hotmail.com

Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos  
Faculdade São Francisco de Juazeiro

*Carla Conceição da Silva Paiva*

ccspaiva@gmail.com

Doutora em Múltiplos  
Universidade do Estado da Bahia

**RESUMO**

Este artigo tem como intuito identificar qual deve ser o papel da educação contextualizada em escolas públicas, e como essa pode colaborar para a construção de outras representações sociais de estudantes marginalizados a respeito de si mesmos. Para tanto, foi analisado o filme *Escritores da Liberdade* (2007), um longa-metragem baseado em fatos reais, que apresenta um contexto escolar que preza pela educação tradicional, hierárquica, onde o educando não possui conhecimento próprio, voz, e muito menos autonomia, mas que é modificado por uma jovem professora que se preocupa em valorizar a história de vida de cada estudante norte-americano, filhos e filhas de imigrantes, que residem nos subúrbios de Los Angeles-EUA. Os principais recursos metodológicos utilizados foram a análise da imagem em movimento e análise do discurso, que indicaram como a prática de uma educação contextualizada faz com que os discentes compreendam a vida fora da escola, interligando-a aos conteúdos ministrados na sala de aula, transformando seus modos de pensar, de viver, de se relacionar com o mundo e colaborando para a construção de outras representações sociais dos estudantes sobre eles mesmos, uma vez que, ao adquirirem autonomia e autoestima, as imagens que constituíam sobre si são alteradas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Contextualizada. Representação Social. Análise de imagem. Análise de discurso.

## ABSTRACT

This article aims to identify what the role of education in contextualized public schools should be, and how it can contribute to the construction of other social representations of marginalized students about themselves. For that, the film *Writers of Freedom* (2007), a feature-length film based on real events, was analyzed, presenting a school context that values traditional, hierarchical education, where the learner does not have his or her own knowledge, voice, and less autonomy, but that is modified by a young teacher who is concerned with valuing the life history of each American student, sons and daughters of immigrants, who live in the suburbs of Los Angeles-EUA. The main methodological resources used were the analysis of moving image and discourse analysis, which indicated how the practice of a contextualized education makes the students understand the life outside the school by connecting it to the contents taught in the classroom, transforming their ways of thinking, of living, of relating to the world and collaborating to construct other social representations of the students about themselves, since, when they acquire autonomy and self-esteem, the images that constituted about themselves, are altered.

**KEYWORDS:** Contextualized Education. Social Representation. Motion Image Analysis. Discourse analysis.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo identificar cuál debe ser el papel de la educación contextualizada en las escuelas públicas y cómo puede contribuir a la construcción de otras representaciones sociales de los estudiantes marginados sobre sí mismos. Con este fin, se analizó la película *Writers of Liberty* (2007), una película basada en hechos reales, que presenta un contexto escolar que valora la educación tradicional y jerárquica, donde el estudiante no tiene conocimiento, voz y mucho menos autonomía. Pero modificado por un joven maestro que se preocupa por valorar la historia de vida de cada estudiante estadounidense, hijo e hija de un inmigrante, que vive en los suburbios de Los Ángeles. Los principales recursos metodológicos utilizados fueron análisis de imágenes en movimiento y análisis del discurso, que indicaron cómo la práctica de una educación contextualizada hace que los

estudiantes entiendan la vida fuera de la escuela, vinculándola con los contenidos que se enseñan en el aula, transformando sus formas de pensar, vivir, relacionarse con el mundo y contribuyendo a la construcción de otras representaciones sociales de los estudiantes sobre ellos mismos, ya que, al adquirir autonomía y autoestima, las imágenes que constituían sobre ellos mismos se alteran.

**PALABRAS CLAVE:** Educación contextualizada. Representación social. Análisis de imagen en movimiento. Análisis del discurso.

### **Introdução**

Por muito tempo, a educação escolar teve como base o ensino tradicionalista, que considerava o professor como detentor de todo o conhecimento e autoridade, apresentando-se como o modelo a ser seguido (FREIRE, 2016). Nessa perspectiva, a relação entre professor e estudante era hierárquica e vertical, o educando era meramente um receptor, que não possuía conhecimento próprio, voz e muito menos autonomia, enquanto o professor apenas “depositava” o conhecimento. Freire (2016) denomina essa prática de educação bancária. Atualmente, o ensino tradicionalista deu espaço para o tecnicista, onde professores e estudantes são apenas executores de projetos que não possuem nenhum vínculo com o contexto social da localidade.

Mesmo com bases diferentes, os dois tipos de ensinamentos citados estão ligados ao processo de ensino-aprendizagem voltado a aulas expositivas; leituras repetitivas; exercícios de casa; artifícios para decorar os conteúdos; avaliações que não se preocupam se o estudante absorveu a disciplina, mas sim, com a nota que ele vai obter, incentivando a competitividade entre os discentes; e um currículo que não permite alterações. Desse modo, o ensino tradicional e/ou tecnicista acaba, muitas vezes, afastando os estudantes do ambiente escolar, pois a esses cabem apenas assimilar, passivamente, os conteúdos transmitidos pelo professor, não compreendendo os assuntos que

lhes são “empurrados”, e não se sentindo atraídos pela “dinâmica” apresentada, criando assim, um desinteresse pela educação.

De acordo com Freire (2016), o ensino deve prezar por uma relação harmônica e horizontal entre professor e estudante, onde todos têm muito a aprender e a ensinar, uma vez que, nenhum indivíduo chega ao ambiente escolar como uma “caixa vazia”, sem vivências e conhecimentos adquiridos no cotidiano. E, os conteúdos ministrados devem ser trabalhados de forma interdisciplinar, de modo que os estudantes assimilem melhor e entendam qual a importância e serventia daqueles assuntos.

Encontramos no longa-metragem, *Escritores da Liberdade*, fonte para discutir esses pontos apresentados em torno da educação escolar. O filme americano, de título original *Freedom Writers*, lançado em 2007, com direção de Richard Lagravenese, é uma obra baseada em fatos reais, inspirada no livro “Diário dos Escritores da Liberdade”. A narrativa exhibe a história da professora Erin Gruwell (Hilary Swank), que inicia sua carreira docente em Los Angeles-Califórnia, em 1992, na Escola Woodrow Wilson. Momento no qual, a Secretaria de Educação sanciona a lei de integração racial, obrigando a escola a receber os estudantes marginalizados de várias etnias e culturas.

Gruwell chega à escola cheia de ideais, e é direcionada para ministrar aulas de língua inglesa para a nova turma do primeiro ano colegial (ensino médio), deparando-se com uma realidade totalmente oposta a que idealizou. A sala 203 é formada por uma juventude hostilizada, em sua maioria, composta por estudantes que estão cumprindo medidas socioeducativas ou são oriundos de reformatórios, devido ao seu envolvimento com pequenos grupos rivais ou *gangs*. Os professores e diretores são preconceituosos, resistentes, não acreditam no potencial dos novos estudantes e os avaliam como a escória da sociedade.

Diante desse universo violento, a jovem professora se questiona sobre a sua vocação e o papel do educador e, após demonstrações racistas entre os próprios estudantes, ela começa a se interessar pelas histórias de vida de cada um deles, transmitindo noções sobre respeito, aceitação das diferenças, empatia e convivência pacífica. Partindo da realidade de cada estudante, ela apresenta as noções gerais de língua e literatura, referendada através da leitura de livros clássicos. Gruwell desenvolve uma educação contextualizada, produzindo entre os seus educandos um maior interesse pelas aulas, pois os mesmos passam a se reconhecerem nesse contexto e despertam uma visão diferente sobre “o outro”, mudando suas posturas e, construindo uma nova representação social sobre eles mesmos.

Esse enredo proporciona uma reflexão sobre a potencialidade do filme *Escritores da Liberdade* para discutir sobre educação contextualizada e representação social, sendo assim, neste estudo objetivamos identificar qual deve ser o papel da educação contextualizada em escolas públicas, e como essa pode colaborar para a construção de outras representações sociais dos estudantes marginalizados sobre si mesmos.

Para tanto, utilizamos a abordagem qualitativa, que permite ao pesquisador coletar diversos tipos de dados que devem ser avaliados, com o intuito de obter resultados sobre o objeto de estudo, criando novas compreensões sobre os fatos sociais (MINAYO, 2000). A pesquisa qualitativa pode seguir diversos caminhos, neste caso, selecionamos como recurso metodológico mais adequado, a análise da imagem em movimento e análise do discurso.

A análise da imagem em movimento, ou seja, a análise de materiais audiovisuais, histórias transmitidas através de fotografias em movimento, atentou para a composição visual, enquadramento, contrastes, perspectiva, número e disposição dos personagens e objetos em uma cena. Rose (2015)

destaca que o movimento de câmera e direção produzem sentidos, ou seja, exprimem informações sobre o desenvolvimento da narrativa, e formam um conjunto de códigos visuais: *Close-up* máximo (ECU), *Close-up* (CU), *Close-up* médio (MCU), Abertura média (MW), Ângulo bastante aberto (WA), Câmera seguindo a ação (*Tracking*), e uma tomada que não seja uma pessoa (Ambiente), ou panorâmica.

Rose (2015, p. 343) expõe ainda que

(...) os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É, portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura.

A análise da imagem em movimento, portanto, implica decisões e escolhas, uma vez que precisamos definir como descrever as imagens, e esse processo passa por três etapas: seleção (escolha das cenas que possuem relação com o seu objetivo para serem analisadas); transcrição (passagem simplificada da imagem da tela para as palavras escritas); e codificação dos dados (leitura e interpretação do conteúdo). Em conjunto com a análise da imagem em movimento, utilizamos a análise de discurso (AD) que busca os efeitos de sentido relacionados ao discurso, compreendendo o que o sujeito manifesta através dele.

Esses sentidos podem ser produzidos de forma verbal ou não verbal, podendo também ser entrecruzados, ou seja, uma mescla de série textual e imagética (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Nesse nexos, Gill (2015, p. 250) aponta que “Um dos objetos da análise de discurso é identificar as funções, ou atividades, da fala e dos textos, e explorar como eles são realizados”.

A AD foi idealizada pelo francês Michel Pêcheux, que estabeleceu uma afinidade no discurso entre língua-sujeito-história ou língua-ideologia. Esse tipo de análise não trabalha com o conteúdo do texto, mas sim o sentido que lhe é

produzido. De acordo com Caregnato e Mutti (2006, p. 681), “[...] na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer”.

Salientamos que a língua não é transparente nem homogênea, por isso o enunciado não diz tudo, permitindo assim, leituras múltiplas, devendo o analista buscar os efeitos dos sentidos, por meio da interpretação. Assim, o intérprete faz uma leitura influenciada por sua ideologia, experiências e crenças, por isso a interpretação nunca será única (CAREGNATO; MUTTI, 2006), mas será garantida pelo olhar atento aos detalhes (GILL, 2015).

Com a utilização da AD, podemos, a partir de recortes imagéticos e discursivos, selecionados de acordo com a intenção da nossa pesquisa, identificar na narrativa fílmica de *Escritores da Liberdade*, os enunciados que refletem a valorização da educação tradicional e hierárquica; a mudança provocada pela educação contextualizada; e a representação social que os estudantes têm sobre si.

### **A educação contextualizada como prática transformadora**

Almejando criar um modelo educacional que fuja as características da educação tradicionalista e colonizadora e passe a valorizar os conhecimentos, a forma de vida do estudante, e a sua relação harmônica com o professor, estudiosos, como Freire (2016), discutiam a importância da autonomia dos educandos; e pesquisadores, como Martins (2006) e Reis (2010), idealizaram uma nova perspectiva - a educação contextualizada. Um modelo recente, pensado há cerca de 20 anos, nas cidades de Curaçá-BA e Juazeiro-BA, localizadas no sertão baiano, que preza pela descolonização dos saberes, se

propondo a “dar voz” às questões locais que muitas vezes são silenciadas, roubadas, negadas historicamente (MARTINS, 2006).

O termo formulado no Nordeste brasileiro pode ser empregado em qualquer espaço educacional do mundo, basta considerar que a educação contextualizada tem como intuito conhecer a realidade vivenciada pelo educando, aproximando o ambiente escolar da comunidade, para tanto, os docentes devem utilizar elementos da realidade local em suas aulas, fazendo uma aproximação entre o local e o global, agregando valor aos novos saberes produzidos. De acordo com Martins (2011, p. 58), “[...] fazer Educação Contextualizada é praticar uma Educação, que parta da realidade dos sujeitos; parta da riqueza, dos limites e da problemática geral dos contextos de vida das pessoas”.

Entendemos ser fundamental relacionar os conteúdos apreendidos em sala de aula com as experiências vividas fora dos muros da escola, pois essa prática auxilia na absorção e compreensão das temáticas. Como destaca Freire (2016), é dever do professor e da escola respeitar os saberes socialmente construídos dos educandos, e por que não utilizar esses saberes para discutir temas de âmbitos sociais que lhes dizem respeito, como a poluição dos rios urbanos, o alto índice de criminalidade e o descaso do poder público perante esses assuntos, por exemplo.

Levando em consideração os conhecimentos dos estudantes, é possível ainda desenvolver uma educação contextualizada, a partir de seus saberes, que valorize as experiências individuais e transforme os aprendizados coletivos. Essa prática possibilita também a constituição de novos significados no processo de ensino, transpondo as “caixinhas quadradas” de conteúdos prontos, que não fazem parte do cotidiano dos estudantes, mostrando a importância de estudar assuntos locais e globais de forma contextualizada, de

modo que produzam reflexão sobre suas realidades, permitindo discussões sobre formas, maneiras de alterar o cenário.

Nesse sentido, Reis (2010, p. 93) destaca que:

A Educação Contextualizada vem se efetivando como uma possibilidade de trazer para o centro do processo formativo de educadores e educadoras a conexão entre os conhecimentos locais e universais, não na tentativa de construção de um localismo exacerbado, mas de uma relação de aprofundamento e alargamento das compreensões do mundo e das singularidades em que se inserem os sujeitos e as práticas educativas, situando-as no mundo real em que se encontram na relação destas com as dinâmicas mais amplas.

Ou seja, é fundamental que os professores conheçam as experiências e os entendimentos que os estudantes têm sobre o seu local e o mundo. Não se pode descartar esses conhecimentos que são tão importantes para o processo de ensino-aprendizagem.

A contextualização facilita a compreensão, pois torna os conteúdos mais próximos dos educandos, que passam a entender por qual motivo estão estudando determinada temática, e o que ela infere em sua vida. Além disso, é preciso que o professor invista na utilização de variados recursos didáticos, que podem ser: filmes, jogos, fotografias, literatura, histórias em quadrinhos, etc. Tecnologias que estão presentes na vida da maioria das pessoas, independente de faixa etária, e atraem a atenção dos sujeitos, facilitando o aprendizado que passa a ser prazeroso.

Outra prática que colabora com esse modelo de ensino é a interdisciplinaridade, ou seja, a conexão entre as disciplinas, como por exemplo, português, literatura e história, que podem ser trabalhadas em conjunto, promovendo uma educação significativa. Porém, a maioria dos educadores não compreende a importância da integração de conteúdos e de um ensino contextualizado, pois estão acomodados no processo tradicional de educação. Isso, talvez ocorra pelo fato de suas formações também terem sido

fragmentadas e verticais, e por não terem tempo para se dedicarem a esse novo modelo, que necessita de um olhar atento aos estudantes, sendo então, necessário investir na formação continuada desses profissionais, incentivando-os a realizarem um trabalho renovador.

Destacamos que a inserção da educação contextualizada transforma os educandos, uma vez que, se tornam autônomos; confiantes; são capazes de produzir saberes; deixam de ser coadjuvantes e se tornam atores principais do processo de ensino-aprendizagem; visualizam um futuro com oportunidades que não enxergavam antes; e constroem uma relação harmônica com os docentes. Esses últimos, por sua vez, passam a valorizar as diversas experiências dos discentes e a enxergar o potencial de cada um, construindo outra representação social (RS) sobre os estudantes, que também passam a ter outra imagem sobre eles mesmos.

### **A intervenção da representação social na autoestima**

A Representação Social (RS) é um conjunto de ideias, concepções construídas socialmente, onde indivíduo, grupo e sociedade se orientam no mundo e se comunicam, desenvolvendo códigos para identificar os elementos da sua história individual e social (MOSCOVIVI, 2015, p. 21), ou seja, são conhecimentos elaborados e partilhados socialmente, com o objetivo de criar uma realidade comum a determinado grupo. Esse conceito foi cunhado por Serge Moscovici, na década de 1960, mas passou a ter destaque a partir de 1980, apresentando bases conceituais e metodológicas que possibilitam diversos estudos na área.

Para a RS, o sujeito colabora para a construção de saberes sobre si e sobre o mundo, de acordo com as informações que recebe diariamente, e

também nos conhecimentos de senso comum. Nesse sentido, Nascimento (2015, p. 48-49) expõe que “A estrutura social, a comunicação e a cultura são as fontes de interações responsáveis pelas condições de produção e circulação das representações sociais”.

Desse modo, todos os sujeitos que participam da rede de comunicação recebem informações que interferem nas suas falas, pensamentos, atitudes, posicionamentos, que acabam por determinar as representações sociais dos objetos ao materializar as imagens e sentidos sobre ele. Sendo, portanto, uma forma de perceber e interpretar a realidade, uma vez que, intervém na compreensão dos indivíduos sobre os espaços, gerando os saberes do senso comum, ou seja, os conhecimentos sociais diários.

As RS permitem que o sujeito torne uma realidade estranha em familiar, e de acordo com Jodelet (2001) deve relacionar o afetivo, mental e social a comunicação e ao contexto em que se encontram. Ainda segundo essa autora (2001), as redes de comunicação têm a capacidade de alcançarem, por diversas formas, um grande número de pessoas em pouco tempo, sendo, por conseguinte, fundamentais para as construções representativas, pois contribuem para a solidificação da RS de um grupo, objeto, espaço.

No campo educacional, os estudos em RS encontram uma área rica, uma vez que sua base está nas relações pessoais e distribuição de conhecimentos obtidos em tempos e espaços diversos, onde é possível identificar as várias significações e construir novos saberes, seja com grupo de estudantes, professores, coordenadores, etc. Como declara Simas (2018, p. 58)

Conhecer os significados atribuídos pelos diferentes sujeitos que integram o espaço escolar pode colaborar a lidar com os conflitos que se estabelecem no local e compreender as relações de pertença de um grupo social, seu comportamento e autorreconhecimento dentro e fora da escola.

Estudar uma RS no campo educacional, portanto, permite ao estudioso identificar como essas representações se formaram e o que influenciou nessa formação. É necessário ressaltarmos que as RS, presentes na escola, devem considerar os seus demais vínculos, porque todo lugar possui seus valores que são reforçados por aqueles que nesse espaço vivem.

No âmbito escolar, encontramos RS sobre diferentes temáticas, constituídas antes mesmo da aproximação do sujeito com a escola, pois grupos diversos já influenciaram essa construção. Ens, Donato e Ribas (2015, p. 176) esclarecem que o pensamento do indivíduo "(...) é influenciado pelo seu grupo de pertença, pelas regulações internas e externas, pelo contexto social, político, econômico e cultural e por suas próprias experiências".

A construção das representações sociais na sociedade como um todo, e, principalmente no ambiente escolar, pode gerar preconceito e discriminação entre grupos distintos, por exemplo há estudantes classificados, pela maioria dos educadores, como inteligentes, bem vestidos, com um futuro promissor; e outros taxados de burros, preguiçosos, desleixados, que o único destino é a marginalidade. Duas representações distintas sobre grupos de estudantes que, provavelmente, tiveram oportunidades de vida diferentes e carregam consigo representações que "pesam" e acabam interferindo na sua autoestima, pois os próprios educandos, rotulados disso ou daquilo, tomam essa RS como verdade absoluta e não acreditam que podem ser melhores ou capazes de mudar essa representação negativa.

E, quando essas representações também estão presentes fora dos muros da escola, fortalecidas pelas redes de comunicação, isso se torna impossível, pois diluídas na sociedade, elas se solidificam. É necessário então, construir outra representação, a partir de dois processos: a objetivação que pretende tornar o desconhecido familiar; e a ancoragem que integra o objeto ao universo do social (JODELET, 2001), como veremos, na análise a seguir.

### **Imagem e discurso: análise do filme *Escritores da Liberdade***

O filme *Escritores da Liberdade* inicia com a locução em *off* de vários repórteres que divulgam notícias sobre a onda de violência e vandalismo que toma conta da cidade de Los Angeles - Califórnia, em 1992, resultando em mortes e destruição. As cenas, nesse momento, são captadas em ângulo bastante aberto, o que possibilita uma visão maior sobre os acontecimentos, e cortes rápidos, que mostram o que está sucedendo em vários pontos da cidade. Algumas imagens são terrestres e outras aéreas, exibindo a “guerra civil” em que a cidade se encontra, entre incêndio, descontrole, agressão e depredação causada por tensão racial de gangues rivais.

Esse início tem como intuito situar o espectador sobre o contexto social da cidade naquele momento, para que possamos compreender os motivos que levaram jovens marginalizados de diferentes etnias (latinos, orientais, negros), considerados inferiores, abandonados pelo poder público americano, que encontraram nas gangues uma maneira de se fortalecer e ter uma família, a frequentarem a Escola Woodrow Wilson, em Long Beach, onde toda a trama se desenrola. Um ambiente onde os imigrantes não eram bem quistos, os grupos de culturas diferentes também não se respeitavam, criando disputas por território e matando uns aos outros por raça, orgulho e respeito. No espaço escolar, a situação não era diferente, e muitos embates eram travados diariamente.

A Escola Wilson reservou uma sala para receber os estudantes marginalizados, e a chefe de departamento designou a recém-formada professora, Erin Gruwell, para ministrar aulas de língua inglesa à turma. Na cena em que Gruwell é recepcionada, a chefe de departamento Margaret

Campbell lhe entrega uma lista com os nomes dos estudantes que ela irá trabalhar; e recebe o seu planejamento de aula. Nesse momento, a câmera faz um *close-up*, no colar de pérolas que a professora leva no pescoço (Figura 1), e depois um *close-up* médio, enfatizando a expressão de sarcasmo da chefe de departamento (Figura 2), que logo começa a falar sobre os educandos, ressaltando que alguns saíram recentemente de reformatórios e outros utilizam sensores nos tornozelos para serem localizados. A junção das cenas com o discurso proferido pela chefe de departamento insinua que a jovem professora não deveria utilizar aquela joia na escola, pois, provavelmente, seria roubada. Identificamos então, a representação social que a chefe de departamento tem sobre os jovens que ainda não conhece, caracterizando-os como ladrões e marginais.

Figura 1: Detalhe no colar.



Fonte: Frame do filme *Escritores da Liberdade*.

Figura 2: Olhar da chefe de departamento.



Fonte: Frame do filme *Escritores da Liberdade*.

Logo em seguida, a chefe de departamento diz: “Precisamos rever os seus planos de aulas. Se vir as notas deles, estas listas de vocabulário e alguns desses livros, como ‘A Odisséia de Homero’ serão complicados demais para eles”. Com esse enunciado, fica claro, que a chefe de departamento avalia os estudantes como burros, preguiçosos e desinteressados pelo conhecimento; e preza por uma educação tradicional e hierárquica, que têm os educandos como simples receptores, que estão na sala de aula para receber as informações que os superiores acharem necessárias.

Campbell, diante da empolgação de Gruwell, ao iniciar o trabalho com os estudantes do Programa de Integração Voluntária, expõe “Sei que é uma mulher inteligente e adorável. Mas, é seu primeiro trabalho como professora. Como chefe do departamento, preciso confiar na sua capacidade de enfrentar nossas dificuldades”. Essa fala sugere que, ao perceber a animação da professora em tentar mudar a realidade dos estudantes, Campbell a enxerga como uma iludida, que não conhece os desafios docentes, principalmente, ao lidar com jovens desestruturados.

Em outra cena, após o primeiro tempo da aula de Gruwell, que foi um pouco conturbada por desentendimentos entre os discentes, o professor Brian Gelfort, que ministra aulas de inglês para o terceiro ano (formado por estudantes considerados inteligentes, avançados), diz para Erin Gruwell “Não desanime! Ganhe experiência e, em poucos anos, lecionará no terceiro ano. Trabalhar com eles é ótimo. Até lá, a maioria dos seus alunos terá sumido mesmo. Uma hora eles param de aparecer”. O discurso desse professor também reflete a representação social negativa que todos na escola tem sobre os novos estudantes, desacreditando no potencial deles.

Nesse momento, os dois estão sentados em uma mesa junto a chefe de departamento, e Gruwell retruca: “Bem, se eu fizer meu trabalho direito, talvez façam fila para minha aula”. A tomada que focava a fala da professora em abertura média, move-se para um super *close-up* na face da chefe de departamento, transpondo um olhar de pena sob a professora. A composição dessa cena propõe o descrédito sobre as ideias “românticas” de Gruwell em relação a uma educação transformadora.

Em outra cena, a câmera faz um *close-up* em um aparelho de som que está em cima da mesa da professora. Quando ela liga o aparelho, o som de uma música bem agitada toma conta da sala de aula, a câmera segue a jovem Gruwell, fazendo um plano médio, que animada e dançando apresenta aos discentes a temática do dia, poesia através do rap de Tupac Shakur, que a maioria dos jovens gosta de ouvir. Na sequência, a câmera circula pela sala, captando as expressões de alguns estudantes, que se mostram atraídos pelo recurso sonoro, enquanto outros nem tanto.

No instante em que a professora distribui a letra da música e pede para que leiam um trecho transcrito no quadro negro, três jovens começam a cantar, formando uma parceria, com cada um narrando um trecho. A tomada em MW mostra a desenvoltura dos estudantes. Enquanto um aluno se identifica, se

reconhece nos conteúdos escolares, ele demonstra interesse pela aula, ao mesmo tempo, outros se mostraram resistentes, e atacam a professora, afirmando que “Uma branquela querendo ensinar rap pra gente” ou “Você não tem a menor ideia do que está fazendo aí na frente. Você já deu aula antes?” Essas imagens servem para aludir que os estudantes também são cheios de preconceitos e não entendem que o processo educativo pode ser algo divertido, lúdico, contextualizado.

Outro discurso que nos chamou a atenção foi da estudante Eva, ao declarar para a professora:

Você não sabe de nada. Não conhece a nossa dor. Não sabe o que temos de fazer. Não respeita nosso jeito de viver. Temos que ficar aqui, aprendendo uma merda de gramática e aí temos de voltar pra lá. E o que vai me dizer disso, hein? O que você está ensinando aqui que fará diferença na minha vida?

Nesse enunciado, fica evidente a representação negativa que os próprios discentes têm deles mesmos e o quão uma educação preocupada com as experiências dos estudantes é fundamental para uma aprendizagem significativa, pois muitos jovens não compreendem a relevância dos conteúdos que absorvem na escola, pois não conseguem relacioná-los, interligá-los ao seu cotidiano. Como declara Freire (2016, p. 31), é importante respeitar os saberes dos educandos, “(...) saberes socialmente construídos na prática comunitária”.

Dando continuidade a essa cena, o aluno Tito pergunta o que é o holocausto, então Gruwell admirada pede para que quem souber o que foi o holocausto levantar a mão, e apenas Ben, o único estudante branco da turma, ergue a mão. Em seguida, a professora pede “Levante a mão quem nesta sala já foi alvo de tiros”, e somente Ben não ergue a mão. Nessa cena, a câmera faz um chicote em ângulo aberto, que permite ver todos os jovens sentados em

absoluto silêncio, levantando suas mãos lentamente, e a professora de pé, em frente ao quadro, olhando para os estudantes, sensibilizada, espantada e triste, diante daquela realidade (Figura 3). Dessa forma, entendemos que, mesmo que o docente tenha entusiasmo para ensinar e busque formas de inovar as aulas, é preciso conhecer a realidade dos estudantes, que situações eles vivenciam fora dos muros da escola, para assim, poder contextualizar o ensino, pois como aponta Simas (2018, p. 94), uma educação significativa “(...) relaciona os conhecimentos adquiridos no ambiente escolar aos conhecimentos prévios do educando”.

Figura 3: Quem já foi alvo de tiros?



Fonte: Frame do filme *Escritores da Liberdade*.

Na tomada seguinte, percebendo a curiosidade sobre o holocausto, a professora segue até a biblioteca da escola, a procura de uma obra que possa

trabalhar a temática. Buscando entre os livros, encontra “O Diário de Anne Frank”, e começa um diálogo com a chefe de departamento que está no local:

Gruwell: - E este? Estamos discutindo o holocausto.

Campbell: - Não, não vão conseguir ler.

Gruwell: - Podemos tentar! Os livros estão aqui parados.

Campbell: - Veja as notas de leitura deles. Se der esses livros para eles, nunca mais os verei. E se devolverem vão estar danificados.

Gruwell: - E este? Romeu e Julieta. Uma ótima história de gangues.

Campbell: - Não, os livros não. É isto o que damos a eles. É Romeu e Julieta numa versão condensada. Mas vejam como tratam mesmo estes aqui. Viu como estão rasgados? Desenham em cima.

Gruwell: -Sr. Campbell. Eles sabem que leem estes, porque os acham burros para um de verdade?

Esse diálogo, mais uma vez, ajuda a percebermos, no enunciado da chefe de departamento, o preconceito e o descaso perante os estudantes, taxando-os como incapazes e irresponsáveis por terem condições sociais inferiores.

Outra cena que reflete o exercício da educação contextualizada, objetivando conhecer cada discente, é quando Gruwell reproduz uma linha no chão da sala de aula e faz várias perguntas aos estudantes como: “Quem conhece algum membro de uma gangue? Quem sabe onde arrumar drogas? Quem perdeu um amigo por violência de gangue?” Quando a resposta é positiva, os estudantes se aproximam da linha. Nesse momento, a câmera se movimenta pela sala, mesclando ângulos MW e WA, registrando as expressões tristes e desamparadas dos jovens. Essa dinâmica fez com que os estudantes percebessem que, apesar das origens diferentes, a maioria deles dividia as

mesmas experiências, envolvendo violência e perda de amigos, e isso acabou os aproximando.

Para conhecer ainda mais a realidade desses jovens marginalizados, Gruwell os estimula a escreverem diários, relatando experiências boas ou ruins, do passado, do presente, ou o que esperam do futuro, contribuindo para que eles se sentissem mais importantes. Todos aceitam o desafio e começam a colocar no papel suas histórias de vida repletas de dor, abandono e sofrimento.

Ao identificar um maior empenho nas aulas e perceber que a maioria dos jovens nunca havia saído de Long Beach, Gruwell decide fazer algo diferente e que os motive ainda mais, realizando visitas a museus e passeios pedagógicos. Porém, a professora não tem o apoio da chefe de departamento, que não acredita no potencial desses educandos. Então, para realizar as saídas, sem o financiamento da escola, Gruwell consegue mais dois empregos para custear os gastos das viagens.

Em um dos passeios, os jovens visitaram um museu que conta a história das crianças judias vítimas da Segunda Guerra Mundial, onde é possível saber quem elas eram e para qual campo de concentração foram mandadas e, no final, é possível saber o que aconteceu com elas. Além da visita, os estudantes conheceram sobreviventes do Holocausto citados no museu, que relataram como foram os momentos de terror vivenciados por eles. Essa experiência fora dos muros da escola possibilitou aos jovens ter uma melhor compreensão sobre alguns fatos históricos, com os quais eles se comoveram e se identificaram.

Numa sequência adiante, no fim das férias e retorno dos estudantes a escola, a professora Gruwell ornamenta a sala 203 para receber os jovens e propõe um brinde a mudança, dizendo:

Quero que todos venham a frente e peguem um destes sacos de livros que contém quatro livros que vamos ler este semestre. São livros muito especiais que me lembram de algum jeito, de cada um de vocês. Mas, antes que peguem os livros, quero que peguem uma dessas taças de espumante aqui, e que façam um brinde. Vamos fazer um brinde a mudança. Isso quer dizer que, a partir deste momento todas as vozes que disseram “você não podem” serão silenciadas. Toda justificativa de que as coisas nunca mudarão, desaparecerão. E as pessoas que vocês eram antes deste momento, a vez dessa pessoa acabou. Agora é a sua vez.

O discurso da professora, demonstrando afeto pelos estudantes e o quanto eles são importantes, comprova a construção de um ambiente familiar, e os incentiva a abrirem o coração, desejando verdadeiramente uma mudança. Percebendo o interesse e curiosidade dos jovens sobre os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, um dos quatro livros entregues para os alunos foi “O Diário de Anne Frank”, que despertou neles uma atenção e curiosidade especial, pois conseguiram relacionar os conflitos vividos pela judia Anne, repletos de caos, sofrimento e morte, às tensões e incertezas vivenciadas por eles diariamente.

Após a leitura e intenso envolvimento com a narrativa de Anne Frank, os estudantes escreveram e enviaram cartas para a holandesa Miep Gies, que escondeu Anne e sua família por 25 meses, durante a “caça” aos judeus. E, decidem ainda, convidá-la à escola para ministrar uma palestra, contando sobre a sua história, sua experiência de vida. Motivados, os estudantes realizaram atividades para arrecadar verbas, e assim, custear a viagem de Miep.

Na imagem a seguir, podemos observar a tomada, em abertura média, mostrando na lateral esquerda, Miep falando para o público, composto por vários jovens, que se dispõem sentados e de pé, preenchendo todo o espaço da imagem, observando atentos todos os gestos e falas da senhora que se tornou uma heroína para eles.

Figura 4: Miep Gies palestrando para os jovens.



Fonte: Frame do filme *Escritores da Liberdade*.

Em seu discurso, Miep afirma: “Eu li suas cartas, e sua professora andou me contando muitas coisas sobre suas experiências. Vocês são os heróis. Vocês são heróis todos os dias. Seus rostos estão gravados no meu coração”. Nesse enunciado, Miep valoriza os jovens como sujeitos sociais, que mesmo sendo considerados marginais na sociedade norte-americana são importantes para a construção do país.

Na sequência, no final do segundo ano, a professora Gruwell propôs que juntassem todos os diários em um livro, transformando a produção individual em textos coletivos, para que fossem divulgados, provando que eles existiam e tinham uma história. Como relatou Eva:

Ela disse que temos algo a dizer às pessoas. Que não éramos mais apenas alunos numa sala. Éramos escritores com nossas próprias vozes, nossas próprias histórias. E mesmo que mais ninguém lesse, o livro iria provar que

estávamos aqui, que isto aconteceu, que fizemos a diferença, nós importávamos, mesmo que fosse apenas para nós. E não iríamos esquecer.

Durante essa fala, apresentada em locução *off*, a câmera se movimenta em planos MW e WA, captando os estudantes sentados na frente de computadores, digitalizando seus diários, sendo orientados por Erin.

Figura 5: Digitalização dos textos.



Fonte: Frame do filme *Escritores da Liberdade*.

A publicação dos textos e a expansão dos horizontes escolares dos jovens marginalizados, abandonados pela sociedade, possibilitaram o surgimento de novas perspectivas de vida, oportunizando o ingresso na faculdade, o que antes não fazia parte da realidade vivida por eles. Após as várias transformações propostas pela jovem professora, contextualizando as aulas, incentivando a leitura, apresentando novos lugares, criando uma relação horizontal e de amizade entre professor e estudante, ou seja, fazendo um trabalho de ancoragem e objetivação ao tornar o estranho familiar, fez com que

os estudantes mudassem a própria representação que tinham de si, passaram a ter autoestima, a respeitar o outro, a mudar a conduta no ambiente escolar e na comunidade, aceitar as diferenças, trabalhar em grupo, lutar pelos objetivos, e acreditar que o conhecimento é a chave para a mudança.

### **Considerações**

Ao analisar imagens e discursos do filme *Escritores da Liberdade*, percebemos, mais uma vez, o quão uma educação contextualizada com a realidade dos estudantes é importante para a formação desses. A partir do momento que os professores conseguem compreender como é a vida fora da escola de seus estudantes, interligando-a aos conteúdos ministrados na sala de aula, os educandos transformam seus modos de pensar, de viver, de se relacionar com o mundo e criam, dessa forma, novos caminhos para trilhar.

Mas, como verificamos na teoria dos estudiosos sobre educação contextualizada e na prática da professora Gruwell, o docente tem papel primordial no desenvolvimento dessa educação transformadora. É responsabilidade desse profissional, buscar conhecer as condições de vida dos educandos, e se importar com elas, para então iniciar o processo de conectar os conhecimentos prévios adquiridos na comunidade e os saberes obtidos no ambiente escolar, proporcionando assim, uma educação que faça sentido para os discentes.

Também verificamos que a prática de uma educação contextualizada colabora para a construção de outras representações sociais dos estudantes sobre eles mesmos, uma vez que, ao adquirirem autonomia e autoestima, as imagens que constituíam sobre si são alteradas. Além disso, ficou evidente que as imagens em movimento e os enunciados produzidos no filme estão sempre

em sintonia, um reafirmado o outro, desenvolvendo assim, discursos textuais que convencem o espectador.

## Referências

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. In: **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006, p. 679-684. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 18 jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático/ Marton X Bauer, George Gaskell (orgs). 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-45.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum- A imagem como narrativa. In: **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eicheberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semiárido. In: **Educação para a convivência com o semiárido brasileiro**: reflexões teórico-práticas. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006.

MARTINS, Josemar da Silva. Educação Contextualizada: da teoria à prática. In: **Educação Contextualizada**: fundamentos e práticas. Juazeiro: Printpex, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa. 7. ed., São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11. Ed. - Petrópoles, RJ: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Um diálogo com o campo das representações sociais. In: **Representações sociais e educação**: letras imagéticas III/ Organizadora Maria de Lourdes Soares Ornellas. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 45-68.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades. In: **Semiárido Piauiense**: educação e contexto. Campina Grande, 2010, p. 109-130.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático/ Marton X Bauer, George Gaskell (orgs). 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SIMAS, Lorena Santiago. **Fotografia e educação**: diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos na Universidade do Estado da Bahia, 2018.

**Recebido: 06/11/2019**

**1ª Revisão: 26/12/2019**

**Aceite final: 30/12/2019**